REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS COM PESSOAS IDOSAS: ALGUNS CONTRAPONTOS NA FERMATA PANDÊMICA

Estela Kohlrausch[1]
Rodrigo Sacco Teixeira[2]

Resumo: A pandemia da Covid-19 estabeleceu diferentes parâmetros de aprendizagem, convívio, criação e produção artística em virtude do isolamento social. Entre os diversos grupos de risco, considerando a questão etária, a população idosa foi fortemente impactada pelas medidas de distanciamento social. Nesse cenário, serão contrapostos dois estudos realizados com pessoas idosas: no âmbito das Artes Cênicas, desenvolveu-se um processo de criação em audiodrama mediado pelo tecnoconvívio, enquanto no musical serão apresentados os impactos relatados na prática de musicistas amadores em função da condição imposta pela fermata pandêmica.

Palavras-chave: Envelhecimento; Audiodrama; Musicistas amadores.

ARTISTICS EXPERIENCES WITH ELDERLY PEOPLE: SOME COUNTERPOINTS IN THE PANDEMIC FERMATA

Abstract: The Covid-19 pandemic established different parameters of knowledge, conviviality, creations, and artistic production in virtue of the social isolation. Among the multiple risk groups, considering the age issue, the elderly were deeply affected by the social distancing measures. In this scenario, two studies realized with elderly people will be compared: in the Performing Arts scope, a process of creation in audio drama mediated by tecnoconviality was developed. In the Musical Arts, the impacts related at the amateur musicians practice because of pandemic fermata situation will be presented.

Keywords: Aging; Audio Drama; Amateur musicians.

Quando em música utiliza-se o sinal da fermata, sobre uma nota ou uma pausa, significa que ali há uma suspensão. Tudo para (ou parece ter parado). Esse símbolo (ponto com arco) também pode marcar uma respiração ou a introdução de vozes em um cânone. A fermata pandêmica marca o início das medidas de isolamento ocasionadas pela Covid-19 (distanciando as vozes do convívio social e das ações artísticas coletivas). Em nossos projetos, as pessoas idosas encontraram,

[1] UFRGS. Especialista em TIC-Edu (FURG) e Gestão Cultural (Senac), bacharel em Música (UFRGS) e licenciada em Música (UFSM). Atualmente cursa Mestrado em Educação (PPGEDU/UFRGS) sob orientação do Dr. Johannes Doll e é bolsista Cnpq.

[2]Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC/UFRGS) com bolsa CAPES de fomento à pesquisa, sob orientação da Profª Drª Suzane Weber da Silva. Licenciado em Teatro pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS. É ator, professor de teatro e audiodescritor-narrador.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

nessa suspensão, espaços para serem escutadas e manifestarem-se artisticamente.

Nessa perspectiva, projetos de pesquisa vinculados às Artes Cênicas e Música, dependentes do encontro físico entre seus participantes-artistas, também entraram em quarentena. Tendo em vista que o perfil dos participantes dos estudos corresponde a um dos grupos mais afetados pelas medidas de isolamento, torna-se fundamental discutir os relatos dessas experiências artísticas pandêmicas realizadas com pessoas idosas.

O envelhecimento humano é um processo arraigado à passagem do tempo, todavia envolve fatores biossociais, psicológicos, culturais, políticos e econômicos. Envelhecer é um processo heterogêneo interligado à trajetória de vida de forma integral, influenciando e sendo influenciado por questões historicamente definidas por políticas públicas como também por aspectos raciais e de gênero.

No Brasil, uma pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos[3] de idade. A população idosa brasileira é composta por mais de 28 milhões de pessoas, representando 13% da população nacional[4]. Em 2043, conforme projeção, 1/4 da população brasileira deverá ter mais de 60 anos, o que indica um grande avanço no processo de envelhecimento. O aumento da expectativa de vida, em parte pelas conquistas dos avanços científicos e tecnológicos, e a queda dos índices de natalidade, associado aos moldes contemporâneos de planejamento familiar e à urbanização, são alguns dos fatores apontados para essa modificação na pirâmide etária.

Assim como no Brasil, o envelhecimento populacional mundial foi destacado no relatório das Nações Unidas[5]. Enquanto em 2019 uma em cada onze pessoas no mundo era idosa (representando 9% da população mundial), até 2050 uma em cada seis pessoas no mundo (16%) terá mais de 65 anos, também superando o número

[3] Conforme o Art. 1º do Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741/2003.

[4]Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,13%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs.> Acesso em 26 jan.2021

[5] Disponível em:<https://population.un.org/wpp/>Acesso em 26 jan.2021.

de crianças menores de cinco anos no globo. Além disso, o relatório prevê que o número de pessoas com 80 anos triplicará nos próximos 30 anos.

Esse cenário de profunda alteração etária impõe diversos desafios em questões sociais relacionadas à saúde, previdência e mercado de trabalho. Somado a esse contexto, a pandemia revelou outros impasses que o modelo econômico capitalista neoliberal, preponderante na sociedade contemporânea, tem se embasado para assistir à população idosa.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, em seu livro *A cruel pedagogia do vírus* (2020), observa que os idosos, grupo especialmente numeroso no Norte Global, "é, em geral, um dos grupos mais vulneráveis [pela pandemia], embora essa vulnerabilidade não seja indiscriminada" (p. 20). Poucos meses após a pandemia disparar na Europa, a realidade dos idosos brasileiros encontrou-se em patamar semelhante. Diversos casos fatais de Covid-19 têm sido reportados em lares, casas de repouso, Instituições de Longa Permanência (ILPI) e asilos no Brasil[6]. Segundo dados divulgados pela Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria (SBGG)[7], em agosto de 2020, quando o Brasil completou 5 meses do primeiro caso de Covid-19 no país e apontava a sombria marca de 100.000 mortos, 75% das vítimas eram pessoas idosas.

Diante do panorama apresentado, reunimo-nos na escrita deste artigo para levantarmos alguns contrapontos a partir de nossas pesquisas com pessoas idosas em tempos de pandemia. Desse modo, pretendemos investigar *como as Artes Cênicas e a Música podem instaurar diálogos com idosos e responder artisticamente aos desafios causados pela pandemia?*

Com base em objetos de pesquisa específicos, propomos *contrapontos* entre as experiências. Em música, contraponto é um procedimento composicional caracterizado por combinar duas ou mais linhas melódicas independentes,

[6]Disponível em:<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/30/Qual-o-impacto-da-pandemia-nas-institui%C3%A7%C3%B5es-para-idosos>. Acesso em 31 maio 2020.
[7] Disponível em: <https://sbgg.org.br/brasil-ultrapassa-100-mil-obitos-por-covid-19-idosos-sao-75-das-vitimas/>. Acesso em 02 fev. 2020.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

atribuindo temporalidade e ritmo à harmonia (TRAGTENGERG, 1994). A partir dessa metáfora, entendemos que as diferentes experiências artísticas realizadas durante a pandemia, independentes entre si, são contrapontos conectados pela temporalidade (pandemia), estilo (incursão artística) e movimento (recorte etário), coexistindo enquanto composições artísticas de enfrentamento à Covid-19.

Dessa forma, apresentaremos inicialmente cada uma das narrativas partindo do processo de criação em audiodrama no âmbito das Artes Cênicas, em seguida pela análise das entrevistas com musicistas amadores. Ao final, o desfecho desses contrapontos pandêmicos será discutido.

COM VOCÊS, SENHORAS E SENHORES, *SEXAGENARTE* – A VIDA NÃO PARA

Enquanto pesquisador em Artes Cênicas e mobilizado por tamanhas inconformidades desumanizadoras advindas da negligência dos governantes brasileiros quanto à administração da pandemia, reavaliei o meu papel como artista brasileiro. Desse modo, busquei alternativas que pudessem transformar tamanha indignação em respostas artísticas conduzidas pela linguagem teatral.

O Brasil e o mundo estão vivendo um dos movimentos culturais mais interessantes dos últimos tempos. Segundo o relatório *State of the Podcast Universe*[8], consecutivamente em 2019-20, o Brasil foi apontado como o "país do podcast" devido ao crescimento massivo de criações nesse formato. Entre janeiro e maio do ano da pandemia, houve um aumento de 103% em produções locais, tornando-nos os maiores produtores de conteúdos na podosfera[9].

Em muitos aspectos, salvo as devidas características, os audiodramas em podcasts equivalem, em 2021, às peças radiofônicas das décadas douradas de

[8] *State of the Podcast Universe* pode ser traduzido como "Estado do Universo Podcast" e é um relatório publicado pela Voxnest, empresa norte-americana de tecnologia em áudio, referência em dados para a indústria de podcasts. Relatório disponível em: <https://blog.voxnest.com/2020-mid-year-podcast-industry-report/> Acesso em 02 fev.2020.

[9] Na cultura pop, a podosfera é o nome dado ao conjunto de comunidades de podcasters.

1940 a 1960. No entanto, é possível distinguir essas duas noções, que se referem a uma essência estética de origem semelhante, porque seus procedimentos técnicos, estéticos e transmissivos acompanharam as inovações tecnológicas e se adequaram aos padrões de consumo, comportamentos culturais dos novos ouvintes bem como pela renovação do estilo dramático dos produtos artísticos sonoros.

Considerando a realidade imposta pela quarentena e pelo distanciamento social, orientei o *tecnoconvívio poético em tempos de pandemia.* O experimento serviu como mote para a realização de um processo virtual de criação em audiodrama com pessoas idosas, não atores/atrizes, que resultou no lançamento[10] do podcast *Sexagenarte* em dezembro de 2020.

Para Dubatti (2011), o vínculo é herança de uma memória ancestral da Humanidade já que o *convívio* está na estrutura mítica da espécie humana (p. 2). Historicamente o teatro remete a uma estrutura ancestral de convívio, onde a soma de interações entre duas ou mais pessoas resultam em um vínculo territorialmente compartilhado. Entre as condições para esse vínculo existir há a zona comum de experiências dada pelos condicionamentos contextuais - como cores, sons e historicidade - e convivência aurática, determinada pelas potências e limitações do corpo. Por outro lado, o autor aponta que a diferença central entre convívio e *tecnovívio* é a sustação do corpo, a partir de três elementos: a desterritorialização; as capacidades de percepção que não sejam as naturais do corpo; e a supressão do vínculo dialógico com o outro, porque pode variar a presença no lado do correspondente à intermediação tecnológica – este último mais aplicado ao ato de assistir a um filme [ou ouvir um audiodrama] sem o diálogo com o ator no mesmo espaço de convívio (p. 3).

[10] O lançamento oficial do podcast *Sexagenarte* ocorreu no dia 22 de dezembro de 2020, através da plataforma Zoom. O evento reuniu as/os 8 participantes-colaboradores do grupo e cerca de 25 convidados. Nessa ocasião, foram apreciados os dois primeiros episódios, intitulados *Minhas Ondas* e *Herbert, meu marronzinho*. O conteúdo está disponível no Spotify (https://open.spotify.com/show/4QmrZbeTlFQxGTy8WB0w4k) e no SoundCloud (https://soundcloud.com/exagenarte-avidanopara). Os demais episódios serão lançados mensalmente até julho de 2021.

Os conceitos de convívio e tecnovívio são colocados em cheque para refletir sobre os limites do teatro na contemporaneidade, admitindo a tecnologização dessa relação, mas que, em essência, não permite a desterritorialização, desauratização e des-historialização da zona da experiência. Portanto, parto dessa noção para refletir como se instaura o convívio no processo de criação em audiodrama, quando é exigido uma constante mediação tecnológica para a relação existir. Assim, denomino de *tecnoconvívio* o processo de criação em audiodrama relatado a seguir, considerando que o meio digital serviu como terreno para as interações e criações.

Entre abril e setembro de 2020, reuni-me através de encontros virtuais com 8 senhoras e senhores com idades entre 65 e 86 anos - 4 deles com deficiência visual - residentes na região metropolitana de Porto Alegre[11]. Através do tecnoconvívio, experimentamos reconhecer os desafios impostos pela condição da pandemia e transpassá-los, considerando as questões: *Como experimentar provocações criativas para os corpos/vozes na segurança dos seus lares? Como animar corpos que estão no alvo da política neoliberal cruel que os exclui? Como se colocar em estado sensível de escuta e transformar os depoimentos pessoais em materiais artísticos?*

O projeto tem como foco de pesquisa a criação de 8 episódios ficcionais de audiodrama, baseados em histórias reais narradas pelas/pelos *participantes-colaboradores*[12]. No que se refere à criação em audiodrama, constituo pontes com a noção de Poética da Escuta, aprofundada pela pesquisadora e radialista Mirna Spritzer:

> Assim, por Poética da Escuta, entendo a concepção da forma artística sonora que nasce da disponibilidade da escuta como estado que legitima o outro e que constitui a vocalidade como presença corpórea e inequívoca. Poética que reverbera a percepção dos modos de escuta sensível e ativa. E que revela o som e o silêncio como acontecimentos no entre do dizer e

[11] A seleção das/dos 8 participantes buscou heterogeneidade de gênero, raça, deficiência, classe social e orientação sexual.

[12] Denomino os integrantes da pesquisa como *participantes-colaboradores* tendo em vista que o estudo envolve um processo de criação coletivo caracterizado pela colaboração e participação engajada de cada um e cada uma. Ao decorrer do texto farei menção aos nomes verdadeiros das/dos integrantes.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

> ouvir. Parto então da ideia e do gesto de criação artística pela escuta. (SPRITZER, 2020, p.35).

A Poética da Escuta é inerente à criação em Teatro e, nesse caso, é fundamental para a deriva das histórias transformadas em audiodrama. A disponibilidade de escuta que legitima o ouvinte, também estabelece o ato convivial (ou tecnoconvivial) com o(a) narrador(a) da própria história. Entre as consequências provocadas pela pandemia, o hiato no convívio social afetou, diretamente, as relações de fala e escuta no próprio cotidiano, como demonstra o relato de Telmo:

> Eu passo tanto tempo sozinho que às vezes eu acordo como se não lembrasse do som da minha própria voz. Aí eu me lembro. Tomo um pouco de água. Limpo a garganta e as ideias. E falo. (Telmo, 83).

Em março de 2020, quando telefonei convidando-o para participar do laboratório de criação, essas foram as palavras que expressaram a então relação do silenciamento da sua voz afetada pelas restrições dos vínculos sociais. Reforço que uma das hipóteses de pesquisa antecedente ao processo de criação correspondia, justamente, às complexas consequências das medidas de isolamento causadas aos idosos, que foram acertadamente incentivados a se preservarem.

Nos meses seguintes, a então conhecida sala de ensaio experimentou novas estruturas em muitos sentidos. É fato que o processo de criação não existiria no período de quarentena não fosse pela possibilidade de comunicação virtual. Dessa forma, optei pelo uso combinado de três principais aplicativos multiplataformas, que oferecessem ferramentas de mensagens instantâneas de texto/voz, chamadas de vídeo e gravação das conversas. Os principais aplicativos utilizados foram: *Messenger* (no qual utilizou-se a ferramenta de chamada de vídeo para os encontros individuais e coletivos), o *WhatsApp* (onde a criação de um grupo composto pelos participantes foi determinante para a orientação do processo, assim como a ferramenta de captura de áudio para a gravação das falas) e, por fim, o *Movavi Screen Recorder Studio* (software encarregado de registrar os encontros virtuais

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

para fins de pesquisa).

Os aplicativos serviram como espaço de escuta, desabafo, companhia, troca de receitas e segredos, partilhas de vivências e histórias de vida, constituindo-se como uma experiência tecnoconvivial afetiva e criativa. No que concerne à criação dos episódios de audiodrama, os *apps* também atuaram como: mediadores para a criação de laboratórios de escritas dramatúrgicas; salas de ensaio para estudo dos textos e das personagens; e estúdios de gravação em áudio.

Ao longo do processo, a manipulação das tecnologias esteve em função dos procedimentos de criação. Nem todos os participantes eram alfabetizados digitais e, portanto, não dominavam as ferramentas necessárias para a realização das etapas do processo, entre elas: atender chamadas de vídeo, inverter as câmeras do celular, acessar recursos de acessibilidade do aparelho e gravar áudios no *WhatsApp*, por exemplo. Por tais motivos, os procedimentos de criação em audiodrama, indiretamente, corroboraram para a inclusão artístico digital das idosas e idosos. Ao passo que Vânia (66, PsDV[13]) e Telmo (83, PsDV) aprenderam a enviar mensagens de áudio pelo *WhatsApp* - quando reconheceram a técnica para gravar as falas de suas personagens - Dária (66, PcDV[14]) soube realizar, de forma autônoma, chamadas de vídeo pelo *Messenger* com antigos amigos após assimilar o passo a passo orientado em nossos encontros.

Vale considerar que Loiva (76, PsDV), Maria Clara (73, PcDV) e Teresinha (86, PsDV) contaram, frequentemente, com o auxílio de familiares para lidar com os imperativos tecnológicos, principalmente nos encontros destinados à gravação das falas. Enquanto Teresinha e Loiva acompanhavam a leitura do roteiro e impunham a interpretação das personagens, suas filhas pressionavam o botão de gravação no *WhatsApp* em outro aparelho. No caso de Maria Clara, a baixa visão não possibilitava a leitura do roteiro, mas os olhos do neto liam em voz alta o que ela reinterpretava com o próprio timbre. Léo (66, PcDV) e Roberto (66, PcDV), optaram

[13] Pessoa sem Deficiência Visual.
[14] Pessoa com Deficiência Visual.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

por diferentes estratégias para realizar a gravação dos roteiros. Enquanto Léo traduziu o texto para o sistema Braile para, posteriormente, ensaiar suas falas, Roberto optou por escutar o *script,* através do *software* de leitor de tela do celular.

Parte do significado dessa criação pode ser conferida no depoimento de Maria Clara no evento de lançamento do podcast:

> Eu simplesmente estou de queixo caído. Uma estreia assim nunca tinha acontecido na minha vida mesmo com toda essa idade. Uma produção como essa, essa conexão. Eu ouvia novela em rádio, lá antigamente, antes da televisão. Eu sempre tinha vontade de conhecer os artistas, os personagens... eu ficava viajando. Só que agora a coisa é diferente. Eu ouvi a história e os personagens conhecendo os artistas. É um sonho que eu jamais poderia imaginar que estaria presente, nessa idade, nesse momento, assistindo tudo isso. Cuidado, o coração da véia tá fraco. (Maria Clara, 76, PcDV).

MUSICISTAS AMADORES IDOSOS(AS) E A PANDEMIA

No âmbito da Música, a investigação da autora/artista busca compreender como as pessoas percebem a própria prática musical e o processo de envelhecimento pessoal a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS) do sociólogo Robert A. Stebbins. Para essa reflexão, foi realizado um recorte dos relatos produzidos por idosos(as) em entrevistas com musicistas amadores(as), residentes no Rio Grande do Sul[15].

A PLS propõe uma maneira de compreender como as pessoas vivenciam o lazer. Nesta perspectiva, lazer é uma atividade livre e engajada, desenvolvida conforme os desejos, habilidades e recursos das pessoas, gerando satisfação. O adjetivo sério remete à importância que a prática exerce nas vidas das pessoas e na identificação com a mesma.

Para esta discussão, um aspecto fundamental da PLS consiste nos tipos de envolvimento com o lazer. No *voluntariado*, a atividade é central na comunidade, e gera autorrealização. No *hobby,* há uma busca pela especialização, mas não há,

[15] No segundo semestre de 2020 foram entrevistadas 8 pessoas, com idades entre 48 e 73 anos.

necessariamente, uma relação com os profissionais e público correspondente. Aqui nos interessa o terceiro tipo, dos(as) *amadores(as)*, pois estes(as) possuem uma relação de bastante compromisso com a atividade de lazer e com o desenvolvimento de suas potencialidades.

A pessoa pode ser considerada amadora quando a prática do lazer se torna sistemática, substancial e realizadora, gerando uma carreira de lazer sério. O(a) amador(a) possui similaridades com o(a) profissional, mas a atividade realizada por lazer não se constitui como fonte principal de renda, modo principal de vida e nem possui o nível de habilidade do profissional. Os colegas profissionais são modelos que os(as) motivam a buscar um maior nível de excelência (STEBBINS, 2020). O amadorismo surge quando a pessoa se depara com uma escolha crítica em sua carreira como participante: restringir a identificação com a atividade em um grau suficiente para permanecer, mas sem atender plenamente aos novos padrões (STEBBINS, 1979). Esta escolha situa o(a) musicista amador(a) em um papel de marginalidade, pois está entre o trabalho e o lazer, o que pode gerar incompreensão por parte da família e amigos (STEBBINS, 1978).

A experiência dos(as) amadores é desenvolvida ao longo da vida, sendo a educação para o lazer, um processo de aprendizagem que objetiva alcançar o máximo potencial de lazer e qualidade de vida, podendo ocorrer em cenários formais e informais (STEBBINS, 1999). O britânico Peter Jarvis conceitua aprendizagem humana como:

> [...] a combinação de processos ao longo da vida, pelos quais a pessoa inteira — corpo (genético, físico e biológico) e mente (conhecimento, habilidades, atitudes, valores, emoções, crenças e sentidos) — experiencia as situações sociais, cujo conteúdo percebido é transformado no sentido cognitivo, emotivo ou prático (ou por qualquer combinação) e integrado à biografia individual da pessoa, resultando em uma pessoa continuamente em mudança (ou mais experienciada). (JARVIS, 2013 p. 35-36).

Com base nesse conceito podemos entender a vivência do afastamento social em decorrência da Covid-19 como um importante momento de aprendizagem.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Essa repentina alteração incidiu nas nossas vidas e se relaciona com o que Jarvis conceitua como *disjunção*, ou seja: vivemos uma situação nova que gera sensações não reconhecíveis. Ao conseguirmos incorporar isso na nossa vida, resolver nossas disjunções, passamos por um processo de aprendizagem. Essas "[...] respostas são construtos sociais e, assim, de forma imediata, a nossa aprendizagem é influenciada pelo contexto social em que ocorre" (JARVIS, 2013, p. 38). Podemos perceber um momento de disjunção na fala da Luna: "Acho que a pandemia te dá o que pensar nesse momento. Sem muita resposta, [...] essa pandemia está nos dando lições." (Luna, 66)

Afinal, quais seriam essas lições? Uma situação que evidencia esse processo de aprendizagem está ligada ao medo e à insegurança, gerados pelo enquadramento no grupo de risco. Isso interferiu bastante na visão de si e do seu envelhecimento, gerando novas reflexões:

> Então tem toda essa questão do envelhecimento físico e com a pandemia eu acho que comecei a pensar muito. De repente eu sou idosa. De repente eu sou frágil. De repente eu tenho que ser protegida. "Gente, eu sou uma pessoa que vou para rua, que faço tudo, que não tem nenhuma doença". Isso dá um choque na gente. Essa questão de relacionar o envelhecimento com "agora tu não pode sair para rua". Claro, não saio mesmo, mas teve isso de repente. Coisas do envelhecimento são complicadas, um dia tu descobre que tu está mais velha. (Luna, 66)
>
> Ela [a esposa] é grupo de risco tanto quanto eu. Passou dos sessentinha. Eu tenho muito cuidado, mas vontade de ir tocar não falta. Duas semanas ou mais para trás, já me fizeram uns convites (Déo Oliveira, 61)
>
> Estou na faixa de risco, né? (Rimeda, 73)

A alteração brusca nas atividades que podiam (ou não) realizar, reforçou o estereótipo da pessoa velha como "aquela que não pode fazer nada". A representação da pessoa idosa, em tempos de pandemia, reforçou a imagem de incapacidade, vulnerabilidade e incapacidade, negando a ela a possibilidade de cumprir papéis sociais e exercer sua independência. Essa sensação de descarte vivenciada pode ser percebida nesse depoimento: "Velho aposentado na pandemia,

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

está atirado aí." (Déo Oliveira, 61).

Questões sociais, culturais, psicológicas e gerontológicas se relacionam com os ambientes em que (con)vivemos. A prática sistemática de música pode auxiliar a transformar os espaços em locais de pertencimento, nos quais a pessoa se percebe na relação com aquele espaço, memórias e sentimentos. A relação com o ambiente pode ser observada no relato de Rimeda, que contrapõe a realidade da zona rural e urbana:

> Aqui no interior não se percebe. Nunca vi alguém usando máscara, não tem casos. Acho que é muito seguro em relação a isso, embora possa acontecer, nunca se sabe. [...] Mas a gente está correndo risco sempre. Na cidade grande a circulação é muito mais intensa, é mais difícil ainda. Aqui a gente está um pouco mais relaxado com esses cuidados [...] (Rimeda, 73).

As medidas de distanciamento social alteraram a prática musical de todos(as) participantes, como pode-se perceber nestes trechos:

> P[16]- Agora na pandemia não tem *show*, mas tu continua cantando? Pegando o repertório em casa?
> E- Não. Confesso que não. Te confesso que eu parei. Continuo escutando muitas músicas. O que eu faço? Tenho a minha caixinha JBL, pequenininha, ligo no *bluetooth* do telefone, no Youtube seleciono o que eu quero e vou ouvindo. Vou lá na cozinha, estou lavando a louça, fazendo um lanche. Se vou ao banheiro eu levo: música direto! Eu só paro de ouvir música quando eu vou dormir ou quando assisto televisão. Como a gente está recluso. É o que resta." (Déo Oliveira, 61)
>
> Agora, online, aulas são só naipes. [...] Não é toda a turma porque é impossível fazer uma aula online com todo mundo. (Luna, 66)

O fazer musical em grupo oportuniza a ampliação das relações sociais, podendo fortalecer vínculos com familiares, colegas, amigos e público. Essas relações podem auxiliar na promoção da qualidade de vida e no processo de envelhecimento, mas foram diretamente alteradas pelo distanciamento social. Grande parte dos momentos de fazer musical foram virtualizados, como aulas e

[16] Conforme as legendas da transcrição: E: entrevistado(a) e P: pesquisadora.

ensaios. Os *shows* também seguiram essa migração:

> Todos os sábados de tarde eles continuam ali tocando, mas é *Live* Solidária. [...] Eles [da rádio] começaram a fazer *lives* ajudando, dando uma grana. [...] Tem as parcerias, do comércio, juntar grana e doações também. [...] E aí ela chegou para mim "pai, faz uma live", "não, vou ter que ensaiar de novo" e outra coisa: para fazer uma *live*, tem que fazer coisa bonita. Com certeza farei, mas provavelmente vai ser em janeiro (Déo Oliveira, 61)

Esses convites para tocar e outras possibilidades, começam a fazer parte do horizonte possível, pois "[...] a improbabilidade e a incerteza no que tange os projetos pessoais dos idosos, requer a capacidade de adaptação e processos de re-engajamento" (CASTRO *et. al.*, 2020, p. 4). Essas profundas alterações atingem, diretamente, as pessoas e seus processos de envelhecimento. Quando as pessoas idosas enfrentam limitações, elas utilizam estratégias psicológicas e tecnológicas para se ajustar e adaptar, maximizando seus pontos fortes e minimizando seus pontos fracos, para atingir resultados positivos de maneira deliberativa (BALTES; BALTES, 1990).

Para o casal de psicólogos alemães Paul e Margret Baltes (1990) o envelhecimento bem-sucedido é um processo adaptativo que pode ser entendido através do modelo Seleção, Otimização e Compensação (SOC). A *seleção* se refere à capacidade da pessoa se adaptar (reduzir ou se envolver em objetivos novos ou transformados), permitindo experiências subjetivas de satisfação e controle pessoal. *Otimização* refere-se à maximização da quantidade e qualidade das atividades; e a *compensação* ocorre quando capacidades comportamentais específicas são perdidas ou reduzidas, sendo adaptadas por meios tecnológicos (ex. óculos) ou mentais (ex. estratégias mnemônicas).

A partir da pandemia, as pessoas que participaram das entrevistas passaram por esse processo adaptativo descrito, pois precisaram repensar a maneira de participar em aulas e ensaios nos ambientes virtuais, alteraram a quantidade de atividades que participam e compensaram essa alteração de local e modo de fazer musical, através de tecnologias de informação e comunicação.

Por mais que a realização da sua prática musical esteja temporariamente alterada, imaginam o futuro (permeados pela música), a partir do que vivem agora: ”[...] espero que nossos trombones aqui, a gente vai estar tocando.” (Rimeda, 73). Para essas pessoas que possuíam uma longa trajetória de prática musical sistemática, a mudança para ambientes virtuais instaurou desafios, especialmente para os trabalhos em grupo em que participavam. Esse período de disjunções e adaptações veio acompanhado de diversas oportunidades de aprendizagem que resinificam suas práticas, sem que as deixassem parar de soar.

CONTRAPONTOS

O envelhecimento humano conecta as distintas investigações dos autores a partir da realização de experiências em Artes Cênicas e Música durante a fermata pandêmica. Em 2021, os primeiros sinais de fôlego surgiram com o início da vacinação anti-Covid-19. O convívio, ato simbólico primordial para as artes, não sucumbiu na pandemia: foi alterado para responder às necessidades do existir na relação com o outro.

A heterogeneidade de velhices, bem como de expressões artísticas, compõem contrapontos de vozes. As tecnologias de comunicação agiram como ferramentas decisivas para instaurar estados de escuta e criação neste período, suscitando maneiras de tecno(conviver). Embora a presença física - entre atores, atrizes, diretores, musicistas, orquestras, maestros - seja insubstituível para estabelecer a territorialização do ato de criar, compor, ensaiar e apresentar, os diálogos estabelecidos pelo tecnoconvívio contribuíram para enfrentar um dos mais amargos efeitos da pandemia: o isolamento social.

Embora o silenciamento de vozes não seja uma consequência exclusiva da pandemia, ele acentuou processos de exclusão e marginalização de pessoas idosas e/ou com deficiência em função do perigo de contaminação. Subvertendo esse cenário, as pesquisas apontam a inclusão artístico digital dos idosos como forma de

ressignificação desse momento severo. Em se tratando dos idosos com deficiência visual, o projeto afirmou o potencial de inclusão social pela tecnologia, considerando que a acessibilidade digital é um caminho profícuo para a ampliação de saberes. Em outros casos, o auxílio de familiares foi necessário para a manipulação das ferramentas digitais, visto que o desejo de participar das atividades induziu processos de alfabetização digital.

Salientamos o contraste entre as pessoas que já praticavam, sistematicamente Música, das que iniciaram a prática em Artes Cênicas durante a pandemia. Percebemos que essa alteração abrupta na maneira de realizar as atividades criou novas relações com a prática musical para os primeiros, enquanto os segundos experimentaram-se como atores e atrizes. Ainda assim, ambos buscaram meios de se adaptar, deliberadamente, e aprender com esse processo de mudança contínua.

Conforme relatado, cada participante criou seus métodos para realizar as propostas, a partir dos seus conhecimentos prévios, gerando processos de aprendizagem significativos. Tendo isso como base, tornou-se possível construir outros projetos para suas vidas, de maneira a enfrentar os sentimentos desagradáveis da pandemia. O fazer musical é relatado como algo importante nas questões de participação social (rever amigos, fazer novas amizades, relações com públicos), podendo diminuir a percepção de solidão e reforçando laços que permitem às pessoas sentirem-se pertencentes a determinado grupo musical.

A escrita desses contrapontos uniu as vozes que soaram durante nossos processos de pesquisa e criação. O lugar imprevisto e desconforme da pandemia gerou encontros desses sons marcados pelo acontecimento histórico que nos perpassa. A disponibilidade de escuta atenta e afetiva, permitiu reconhecer alguns timbres silenciados pelo isolamento, numa via de mão dupla. O arranjo desses contrapontos provoca movimento, resistência e futuro. Por mais fecunda que a fermata pandêmica tenha sido, tanto no fazer musical amador, quanto no laboratório de criação em audiodrama com idosos, desejamos que o futuro seja de olho no olho,

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**.** *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

e que não nos poupe arrepios na pele.

Referências:

BALTES, Paul B.; BALTES, Margret M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES Paul B.; Baltes M.M., Eds., *Successful Aging*: Perspectives from the Behavioral Sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1990 v.1, n.1, p. 1-34.

CASTRO, Carla da Silva Santana; CASTRO, José Marcelo de; COELHO, Venceslau; DOLL, Johannes. Envelhecimento populacional no Brasil e os desafios para a formulação de políticas educacionais para a terceira idade. In: P*opulation Horizons.* Oxford: LARNA Special Issue, 2020, p. 1-10. Disponível em: <https://www.ageing.ox.ac.uk/download/268> Acesso em 02 fev. 2020.

JARVIS, Peter. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: aprendendo a ser eu. In: ILLERIS, Knud et al. T*eorias contemporâneas da aprendizagem*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Penso, p. 31-45, 2013.

MENDONÇA, Renato. Conexões: Entrevista com Dubatti. Cena: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, ed. 10, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/26187/15321> Acesso em: 14 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Portugal: Almedina, 2020.

SPRITZER, Mirna. Poética da Escuta. *Voz e Cena***,** Brasília, v. 01, n. 01, p. 33-44, 2020.

STEBBINS, R. A. Amateurism and postretirement years. *Journal of Physical Education and Recreation* (Leisure Today supplement), 49(October), p. 40-41, 1978.

STEBBINS, R. A. *Amateurs*: on the margin between work & leisure. (vol. 6). SAGE Publications, Incorporated, 1979.

STEBBINS, R. A. *Educating for serious leisure*: Leisure education in theory and Practice. World Leisure and Recreation, 41(4), 14-19, 1999.

STEBBINS, Robert A. *The serious leisure perspective*: A synthesis. Springer Nature, 2020.

TRAGTENBERG, Livio. *Contraponto* - Uma Arte de Compor. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.